



PANDEMIA E O ENSINO REMOTO: UMA REFLEXÃO ACERCA DA VIVÊNCIA AFETIVO-EMOCIONAL DOS ESTUDANTES

Geny Santos
Marilane Mendonça

Resumo: As dificuldades inerentes ao sistema educativo brasileiro possuem uma longa tradição histórica que em período de pandemia tiveram novos contornos, necessitando de muitas adaptações assim como em outras áreas da vida. Neste trabalho voltamos nosso olhar aos estudantes que precisaram acompanhar as contingências do enfrentamento do covid 19, vivenciando o ano letivo pela modalidade do ensino remoto em plataformas virtuais. Mas o que esta nova realidade trouxe para os estudantes no processo de aprendizagem e em termos afetivo-emocionais, pensando nas várias mudanças tanto a nível de distanciamento social, e sobretudo, pela mediação do conhecimento de modo mais truncado, conteudista, de menor desenvolvimento motor e pouco relacional. Assim, objetivamos evidenciar a posição afetivo-emocional de crianças, diante da realidade do ensino remoto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, em que participaram 5 crianças dos 9 aos 11 anos, o instrumento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada realizada virtualmente por aplicativo de gravação. Os resultados dessa investigação apontam para uma dificuldade no modo como os alunos acompanham as aulas remotas no que se refere à falta de relacionamento com os colegas pelas conversas e brincadeiras, em como é abordado o conteúdo sem a presença física do professor, assim como, a indisposição para assistir as aulas mesmo com o incentivo dos familiares. Isso identifica a necessidade de um estudo em profundidade na busca de outros fatores que interferem nessa falta de motivação para as aulas remotas, quem sabe questionando a metodologia ofertada para uma modalidade de ensino diferente.

Palavras-chave: pandemia, ensino remoto, relações afetivo-emocionais.

Pandemic and remote teaching: a reflexion about students' affective-emotional experience

Abstract: The inherent difficulties to the brazilian education system have a long historical tradition that in pandemic period had new outlines, needing many adaptations as well as in others life areas. On this work we direct our look to students who needed to accompany the contingencies from COVID-19 confrontation, experiencing the school year through the remote teaching modality on virtual platforms. But what this new reality brought to students in the learning process and in affective-emotional terms, thinking about many changes as in social distancing, and most importantly, knowledge



mediation in a more restricted way, traditional, with less motor development and little relational.. Thus, our objective is to emphasize children's affective-emotional position, before the remote teaching reality. It is a qualitative research of exploratory character, in which participated 5 children from 9 to 11 years old, the instrument to collect data was a semi-structured interview performed virtually by recording application. The results of this investigation point to a difficulty in the way students follow remote classes in relation to the lack of relationship with colleagues through conversations and plays, in how the content is approached without the teacher's physical presence, as well as unwillingness to attend classes even with the encouragement of family members. This identifies the need for an in-depth study in search of other factors that interfere with this lack of motivation for remote classes, perhaps questioning the methodology offered for a different teaching modality.

Keywords: pandemic, remote teaching, affective-emotional relations.

Introdução

A educação no Brasil é desde muito, motivo de várias análises pelas imensas discrepâncias com que se compõe. A diferença entre o ensino público e privado, a organização dos currículos propostos, a formação dos professores, a educação para todos com acesso igualitário do ensino básico ao superior e, conseqüentemente, tudo isso com incidência na qualidade do ensino. Estas são algumas discussões realizadas nas duas últimas décadas, em alguns pontos inconclusa e em outros; com imensas dificuldades de manutenção das políticas públicas e projetos que intencionam minimizar os problemas de tradição histórica no país quando se pensa em educação.

Atualmente estas questões têm se agravado pela vivência da pandemia do novo coronavírus, apresentando a necessidade do distanciamento social como forma de diminuir os índices de contágio para uma doença que pode ser mortal. Com isso, o ano letivo que acabava de iniciar teve que adaptar uma forma de ensino para que seus alunos não perdessem um período indeterminado de aula. Surge o ensino remoto por plataformas virtuais frente a esta realidade de enfrentamento à crise sanitária que se iniciou em março de 2020. Nesse contexto os estudantes assistem aulas em casa por um sistema online, que pode ser em tempo real ou gravadas, tiram suas dúvidas quanto às atividades, também por meio virtual e assim, pais e professores vão orientando como podem as dificuldades surgidas nesse processo.



A partir de mudanças tão radicais na passagem da modalidade presencial para a remota, surge a questão: qual o impacto para o ensino e para a aprendizagem que esse novo formato inscreveu em tantos estudantes e professores? Uma série de argumentos podem ser registrados para se pensar essa indagação, dentre eles as imensas disparidades sociais do país que deixarão de fora centenas de estudantes que não possuem canais com acesso à internet, para acompanhar as aulas ou o material enviado digitalmente, e outros tantos; que não têm sequer um local apropriado em suas casas para assistir às aulas. Desse modo, ao mesmo tempo de uma crise sanitária, instala-se mais uma crise na educação, fruto de políticas que não atingem efetivamente as necessidades da população estudantil, sobretudo das classes populares.

Realidade a ser assistida em uma ampla discussão e reflexão crítica. Engajadas nesse esforço voltamos nosso olhar para estas necessidades na perspectiva do aluno, apontando os limites e desafios do ensino remoto, como modalidade de adaptação a tempos difíceis e que, certamente, trará impactos em outras áreas da vida a nível individual e coletivo. A vivência de um estado de pandemia se constitui como uma afetação mundial das coletividades, mas também, uma mudança global na vida de cada indivíduo, sobre isso falamos de sua condição de saúde mental e todas as emoções e afetos que estão implicados para tal. Quando estes sujeitos são crianças em pleno processo de desenvolvimento e aprendizagem o olhar precisa ser ainda mais sensível. Assim, evidenciamos a seguinte questão de partida: a mediação da aprendizagem através do ensino remoto traz implicações na condução comum das emoções e afetos das crianças?

Assim, objetivamos evidenciar qual a posição afetivo-emocional de crianças/estudantes, diante da nova realidade educacional do ensino remoto. Para tal foi realizada uma investigação de caráter exploratório com 5 crianças matriculadas em escolas particulares localizadas em duas cidades do interior agreste do estado de Pernambuco-Brasil com faixa etária entre 09 e 11 anos. Estas crianças foram contatadas através dos seus pais para que estes autorizassem a realização de uma entrevista semiestruturada com seus filhos que aconteceu por meio virtual de aplicativo com chamada de vídeo. Nesta entrevista constavam 9 (nove) questões que podiam ser respondidas livremente as quais apontam para o processo de aceitação e adaptação ao



novo formato de ensino, bem como a motivação dos alunos frente ao desafio que lhes fora proposto e que traz consigo algumas implicações que envolvem o processo de ensino aprendizagem, estas seriam categorias de análise. O tempo médio para realização das entrevistas ficou em torno de 20 minutos.

1.A vivência da pandemia por COVID 19 e a realidade do ensino remoto: uma alternativa ou uma imposição?

Discutir sobre a modalidade de ensino remoto, frente aos desafios acarretados pela pandemia do novo corona vírus, nos evoca a uma reflexão de como se construiu esse processo e quais percepções têm sido levadas em consideração, no que se refere ao contexto sócio educacional das crianças e da comunidade escolar, e como foram pensadas e elaboradas as propostas de ensino a fim de incluir todos os atores que fazem parte desse processo de ensino aprendizagem, para que de fato sejam atendidos e não apenas informados.

O enfrentamento da pandemia no âmbito educacional inicialmente ocorreu sem muitos diálogos por falta de opções, segundo nos informam as instituições de ensino que foram acionadas, estas justificam que o processo se estabeleceu por meio de ações que foram pensadas com intuito de atender a todos os envolvidos e especialmente às orientações dadas pelo MEC, com base na portaria nº 343 de 17 de Março de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digital, enquanto durar a pandemia do novo coronavírus.

Inicialmente as instituições realizaram articulações internas, a fim de pensar maneiras que fossem mais eficazes para sua comunidade escolar, assim optaram em disponibilizar aulas gravadas nos canais de mídia social, por acreditarem ser uma ferramenta com maior facilidade de manuseio e que favoreceria a adaptação dos estudantes, bem como dos familiares na condução desse novo processo, algumas instituições também dispuseram de um cronograma contendo informações sobre as aulas, orientando quais disciplinas seriam trabalhadas durante cada dia da semana e ao final de cada mês realizaram de forma sistemática uma atividade de verificação da aprendizagem, para que assim pudessem conhecer com mais proximidade o desenvolvimento de cada criança. Durante esse período foram exploradas questões voltadas a trabalhos de conscientização dos estudantes sobre o combate ao coronavírus e



em seguida foram retomadas as atividades pedagógicas dando continuidade aos conteúdos programados por disciplina.

Todas estas medidas que foram tomadas, a fim de atender as exigências e as necessidades educacionais, passaram por desafios, reflexões e constatações que nos incitam algumas questões no que se refere aos aspectos que estão dispostos no Parecer 05/2020 da CNE, e nos aponta o seguinte:

Dificuldades para reposição de forma presencial, a possibilidade do retrocesso do processo educacional e da aprendizagem dos estudantes, danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como stress familiar e aumento da violência doméstica para as famílias de modo geral.

Sobre estes aspectos o que mais nos evoca uma reflexão refere-se as fragilidades e as desigualdades que perpassam o nosso cenário social e que por sua vez interferem no processo educacional, dentre eles foram apontadas algumas observações realizadas pelas equipes pedagógicas nas instituições, que inicialmente evidenciam as questões relacionadas as fragilidades quanto à interação e socialização enquanto comunidade escolar, bem como a compreensão do compromisso educacional que se faz necessário nesse tempo e tais fatores envolvem todos os aspectos e classes sociais. Apesar de conter orientações bem sugestivas no parecer 05/2020 da CNE, observa-se que por mais que as instituições busquem colocar em prática todas as orientações, que se empenham em minimizar os transtornos acarretados pela brusca mudança no processo educacional, as resistências encontradas e percebidas durante esse processo estão intimamente ligadas às questões que são estabelecidas por meio dos vínculos afetivos, os quais se estabelecem em todo e qualquer processo de socialização do indivíduo, inclusive no processo de ensino e aprendizagem.

No âmbito da socialização e a conseqüente vivência afetiva construída nas relações Leite (2006, p. 21) observa o quando a afetividade influencia na construção de experiências do aprender, sobretudo no processo do desenvolvimento quando o sujeito se atribui do sistema biológico e cultural passando para o sistema de representações simbólicas “apresentando um salto qualitativo a partir da apropriação dos sistemas simbólicos, em especial a fala, o que possibilita a transformação da emoção em sentimentos e sua representação no plano interno, passando a interferir na atividade cognitiva e possibilitando seu avanço”. Assim, a dimensão afetiva construída nas



relações várias é condição essencial no processo de aprendizagem. Para criança essa incorporação é feita, sobretudo, nas vivências em que ela possa se expressar através das diferentes linguagens, inclusive a corporal.

No entanto, “se a educação for vista como sistema de ensino, tende-se a privilegiar atividades de ensino, como próprio hoje da situação vigente, centrada na mera transmissão de conteúdos curriculares, na escola e na universidade” (DEMO, 2012, p. 3), talvez não tenhamos uma globalidade na condição de ensino aprendizagem, dando espaço para questionamentos como a serviço de quem a escola forma, para que tipo de atuação a escola privilegia a dimensão cognitiva em detrimento de outras abordagens igualmente necessárias ao desenvolvimento do sujeito. Questões que estão amparadas nas metodologias de ensino difundidas como aquelas que melhor preparam para o mercado de trabalho, que irá oferecer o caminho do sucesso profissional e para isso precisam preparar os estudantes desde cedo visando a esse futuro “promissor”.

O mais importante em educação é que o aluno aprenda bem e “aprender bem inclui educação não formal ao lado da formal, aparecendo crescente rivalidade entre ambas, em grande parte porque a nova geração propende para o lado não formal” (DEMO, 2012, p. 57), ou seja, a tecnologia e a proposta de inserção em tantos outros lugares de aprendizagem fora do ambiente escolar apontam para necessidade de repensar a escola e suas condições de ensino, principalmente como usar essas ferramentas em sala de aula com o maior proveito, não apenas usando esses elementos de forma aleatória como se tem visto comumente em muitas situações, em que a escola ou “demoniza” a utilização dos dispositivos tecnológicos ou aproveita de forma limitada.

Busca-se apontar para importância de um ensino significativo e que ofereça um lugar de protagonismo para seus alunos, algo que na realidade do ensino remoto pelas condições da pandemia, talvez tenha se fragilizado em decorrência de um novo formato de contato, espaço, tempo e dinâmica apropriada para uso da ferramenta, sobretudo, se são usadas as mesmas metodologias e técnicas do ensino presencial na abordagem dos conteúdos, amparados em procedimentos que há muito deveriam ser repensados como aponta Demo (2012, p. 58) “teorias da aprendizagem, como regra, nunca sugerem que aula seja procedimento decisivo de aprendizagem, porque esta não se dá na esteira da



reprodução de conteúdos, mas na da reconstrução incansável e sempre renovada”. Talvez se viéssemos introduzindo a tecnologia nas aulas presenciais, utilizando os diferentes dispositivos de acesso à comunicação e informação de maneira mais comprometida, a fim de usar junto com os alunos todo esse aparato na produção do conhecimento, a realidade da pandemia não seria tão difícil para o ensino e aprendizagem.

O que vem à tona é o quanto o ensino remoto como alternativa para não parar o ano letivo, viabilizou uma prática de ensino que atendesse as condições de um processo de ensino aprendizagem amplo, já que a cotidianidade da socialização foi partida, é imprescindível a reconfiguração das relações e a construção de novas mediações diante de outro formato de contato. Atentos de que “a relação dos professores com seus alunos incorre em fator essencial para aquisição do conhecimento, uma relação afetiva equilibrada traz consequências na formação do autoconceito dos estudantes”. (SANTOS & SANCHES, 2015, p. 32). Delimitar a aula tão somente a vivência dos conteúdos destituídos de outras necessidades e habilidades a serem desenvolvidas como a expressão da linguagem nos aspectos da fala, da posição corporal, das emoções transmitidas pelos diferentes canais, é negar o desenvolvimento/aprendizagem, principalmente para as crianças que têm a singularidade de se expressar mais eficazmente pelo corpo.

A realidade da pandemia evidenciou um sistema de ensino fragilizado, com raízes no ensino bancário observado pelo nosso patrono da educação Paulo Freire, com práticas em que o professor é o detentor do saber e, conseqüentemente, baseia suas aulas em um plano conteudista, “mas não se pode deixar de investir na capacidade de estudar, argumentar, fundamentar, porque são elas que podem manter viva a pessoa pela vida afora em termos de aprendizagem”. (DEMO, 2012, P. 59). Há que se considerar o seguimento do ano letivo, mas o acolhimento que o estudante precisa, até mesmo pelas contingências do momento, a considerar a ambientação doméstica para assistir a aula que pode não ser das melhores, o acompanhamento das atividades feito pelos pais que, por vezes, não têm habilidade para tal, a fadiga corporal pelas horas diante de uma tela e as inscrições emocionais alojadas nas condutas desses estudantes que tiveram sua rotina de interação escolar transformada.



Podemos citar uma série de autores que se debruçaram acerca da composição, socialização/afetividade/desenvolvimento cognitivo. Ou seja, existe um imenso grupo de teorias que vai apontar a importância do convívio, das relações sociais e mediadas para a constituição dos afetos tão necessários na promoção da aprendizagem, como as relações entre professor-aluno, alunos e seus pares, o contexto e suas condições, podem influenciar na aprendizagem/desenvolvimento. Esta seção busca esse apontamento, a importância de encontrar instrumentais que deem suporte para o cumprimento do ano letivo, mas que a pressa ou outros quaisquer fatores, não permita que esta seja uma imposição como medidas de exclusão e retrocesso nas condições de ensino ofertadas já tão carenciadas de intervenção em sua estrutura e dinâmica.

2.A socialização como promotora do desenvolvimento e da aprendizagem nos anos iniciais

A socialização é uma das experiências sem a qual não acontece o processo de aprendizagem e conseqüente desenvolvimento do sujeito. É ponto pacífico de que somos seres eminentemente sociais, nos constituímos a partir da relação com os outros, sobretudo, pela condição de fragilidade com que nascemos, ou seja, o filhote humano é aquele que mais apresenta necessidades de cuidados e por uma quantidade maior de tempo após o nascimento. Segundo Bolwby (2012) essa relação de tempo mais estendido com um cuidador faz com que se estabeleçam vínculos fundamentais às relações futuras, ou seja, o tempo de dependência primária constrói a essencialidade das relações.

Na constituição dos processos psíquicos o envolvimento com o outro também será imprescindível, naquilo que chamamos de construção de alteridade, sendo esta uma experiência que acontece pelo reconhecimento dos limites e capacidades do par nas relações, ou seja, é por perceber que o outro possui limites muito bem definidos e potencialidades que o caracterizam, tanto em situações materializadas quanto na singularidade subjetiva que o sujeito consegue constituir também seus próprios limites. Assim, o acesso ao outro é passível de condições estabelecidas por ele, que vão depender de uma série de circunstâncias, inclusive as de cunho afetivo.

Por estes vieses vão se estabelecendo as socializações que ao longo da vida concorrem para que o sujeito consiga conviver com mais e diferentes pessoas, nos



diversos espaços de ação. Este sujeito terá suporte para ampliar suas relações com o ambiente familiar, escola, igreja, comunidade, trabalho e demais instituições formadoras, além de fazer a compreensão dos signos da cultura e outros ícones da sociedade em que vive. Portanto, desde cedo a criança vai ser capaz de ir à escola e outros lugares sem os pais, pela boa constituição de vínculos que fez com estes, além do suporte demandado pelos dispositivos sociais. Estará envolvido em uma margem de segurança básica que proporcionará o trânsito social.

Alguns estudiosos do desenvolvimento como Piaget, Vigotsky e Wallon deram grande importância a essa atuação do sujeito sobre o mundo e visse versa. Para o primeiro, a criança consegue reconhecer seus limites e campo de atuação pela descoberta que faz do mundo. Assim, a essencialidade dos estudos de Piaget está em compreender o sujeito epistêmico, ou seja, como se constrói o pensamento da mais primitiva infância até a idade adulta, que para Piaget foi até a adolescência. De acordo com Rappaport (1981, p. 51), “Piaget apresentou uma visão interacionista. Mostrou a criança e o homem num processo ativo de contínua interação, procurando entender quais os mecanismos mentais que o sujeito usa nas diferentes etapas da vida para poder entender o mundo”. Com isso, percebe-se que conhecimento e mundo estão fundamentalmente ligados através das descobertas que o sujeito realiza ao longo da vida a partir de suas experiências de contato.

Outra grande ideia trazida por Piaget sobre o processo de aprender diz respeito aquilo que o sujeito possui em termos genéticos e hereditários e sua confluência com o meio em que vive e as possibilidades que terá para desenvolver suas capacidades inatas. Traduzindo esta ideia de Piaget, Rappaport (1981, p. 56) diz que “o sujeito herda a capacidade para a aprendizagem e o desempenho. Mas a plena realização destas capacidades depende dessas condições que o meio ambiente irá oferecer”. Aqui observa-se a importância de um contexto ativo na oferta de diferentes condições para o processo de ensino aprendizagem.

Vigotsky vai ponderar acerca de alguns elementos como acesso à cultura e aquisição da linguagem, para que o sujeito na interação com estes dispositivos construa funções mentais superiores, a exemplo da memória. Na concepção de Vigotsky a interação é sobretudo, mediada, ou seja, há sempre um recurso entre o sujeito e a



aprendizagem, a fim de que ele possa acessar a níveis de gradação nesse processo. Assim, para este autor a mediação é uma condição sem a qual não acontece de forma plena a aprendizagem, ou seja, sempre vamos precisar de um outro para que completemos nossa posição de aprendente. Podemos referir os métodos e técnicas de ensino e atualmente, os diversos dispositivos de que a tecnologia dispõe, quer seja como orientadores, quer seja como facilitadores nesse processo.

As interações sociais são postas para este autor como fundamentais para o desenvolvimento mental, portanto, à medida em que a vida social se complexifica, o desenvolvimento psíquico avança. Isso faz com que Vigotsky (2007, p. 80) reflita sobre a ineficácia de mudanças isoladas na formação cognitiva do sujeito afirmando que:

O desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos e processos adaptativos que superem os impedimentos que a criança encontre.

Em estudo realizado por Piletti e Rossato (2018) o psicólogo Henry Wallon é citado como aquele que compreende o processo de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito levando em consideração os determinantes genéticos e a influência que o meio exerce nessa dinâmica, dito de outro modo, concorrem para construção psíquica do sujeito as suas condições orgânicas e as exigências sociais nas quais ele está envolvido. Assim, a partir dessa posição de interdependências entre esses fatores se desenvolveriam funções psicológicas superiores. Outra ideia postulada por Wallon era a de que afetividade e inteligência estão amplamente interligadas na constituição do pensamento, porém a afetividade viria primeiro, o que faz com que se aprenda mais rápido aquilo que se gosta.

Amparados na teoria de Wallon, acerca da condição social própria dos indivíduos, Piletti e Rossato (2018, 104) apontam para o papel da escola no desenvolvimento do sujeito, sobretudo quando a criança entra neste ambiente, “na medida em que a mesma representa um grande momento na sua vida, passando a ser o centro de suas relações, rotinas, aprendizagens, perpassando todo o seu cotidiano, de maneira a influir sobre a sua personalidade”. Assim as crianças aprendem se elas têm



contato direto com aquilo que elas precisam conhecer, ou seja, é necessário um contexto de descoberta que aconteça a nível motor, na relação entre corpo, espaço, contato e demais possibilidades que referenciem um saber-fazer. É na implicação dessa realidade física que o sujeito aprende a portar-se no mundo, descobrir, atuar, reconhecer limites, conferir espaço ao outro e fazer suas bordas, desde que tenha possibilidade de atuar neste espaço também.

A introdução a estes autores nos faz pensar na importância do ambiente para o desenvolvimento do indivíduo e suporte fundamental no seu processo de aprendizagem. Considera-se a família e a escola como espaços *princeps* nessa dinâmica. Relação que foi profundamente alterada nas últimas décadas, trazendo como consequência um jogo de culpa sobre de quem é a responsabilidade em diversas posturas do estudante, tal ou qual atitude ficaria a cargo da família ou da escola. Isto tem impactado tão profundamente nas relações e na vivência de todos os atores nesses dois grandes contextos de formação do sujeito, que teríamos aqui uma longa discursão a parte. E este não é o foco específico desse trabalho.

Apesar de se perceber infância e adolescência como fases de muita abertura para aprendizagem no que diz respeito a curiosidade e experimentação de coisas novas, grande disposição para descoberta do mundo, faz parte de um processo complexo em que a relação estabelecida entre a experiência e o conhecimento deve ser atribuída ao sentido geral que desperta no sujeito. Segundo Pavon (2012, p. 37) “os conhecimentos que já tinha, bem como a interpretação que cada menino ou menina faz, são elementos de um processo muito complexo e pessoal, relacionado com a maneira que cada pessoa tem de ver e compreender o mundo em que vive”. Ideia que leva a pensar sobre como cada um desses estudantes têm reconfigurado suas condições de aprendizagem diante da tradição e experiência de ensino que tinham antes, sobretudo, do ensino fundamental, independentemente do acesso que têm aos meios tecnológicos.

Evidentemente, não está fora de alcance as restrições impostas pela escola e até mesmo as condições em que é causa das desigualdades, exclusões, violência, e consequente, evasão desde estudante. Não podemos esquecer que a linguagem valorizada pela escola e seu modo *operandis* selecionam aqueles que já gozam de um capital social e cultural comuns ao que é ministrado neste ambiente como observado por



Bourdieu e Passeron (2014, p. 81) no que eles chamam de trabalho escolar (TE) “toda cultura escolar é necessariamente homogeneizada e ritualizada, isto é, “rotinizada” pela e para a rotina do TE, isto é, por e para exercícios de repetição e de restrição que devem ser bastante estereotipados”. Com isso, estes autores mostram o quanto o sistema escolar ainda está atrelado à reprodução de uma cultura das elites, ou seja, a escola fala para aqueles que gozam de um capital social, econômico e cultural comuns ao que está sendo ministrado e valorizado.

No entanto, mesmo sabendo que a escola ainda “prega” para grupos específicos e com isso acaba criando segregações, aqui se considera uma fase do desenvolvimento-aprendizagem em que a relação com os pares, estar junto e partilhar de um ambiente carregado de estímulos, é condição *sine qua non* para um desenvolvimento amplo no que diz respeito à entrada do simbólico, a organização dos estatutos sociais, a compreensão dos elementos culturais, os sentidos da língua, a constituição da alteridade, a ética das relações, o desenvolvimento motor, enfim, uma série de formações que acontecem no envolvimento direto com o outro dos ambientes partilhados.

As considerações tecidas neste capítulo são uma visão do que acontece reiteradamente dentro dos sistemas de ensino, revelando fragilidades históricas na Educação brasileira. Sensibilidades aparecem diante de condições a nível micro e macro, como agora com a realidade da pandemia, ou seja, diariamente vem à tona questões envolvendo o acesso igualitário ao ensino, a manutenção da vida acadêmica, a formação dos professores, a relação família/escola, os currículos e diretrizes do ensino, enfim, uma série de tratados que há muito fazem parte da Educação brasileira constituindo pontos nevrálgicos.

3. Breve análise e discussão dos dados em pesquisa exploratória

Pensamos que analisar as dimensões nas quais estão envoltos os processos de mediação do conhecimento, permite-nos uma reflexão mais ampla e profunda, cujos aspectos percebidos estão para além do didático e de uma prática puramente pedagógica, mas envolve questões emocionais e afetivas que, por sua vez, alcança e



toca o indivíduo nas mais diversas áreas da existência humana. Tal percepção nos faz debruçar sobre uma análise destas maneiras de existir a partir da realidade imposta, a fim de perceber como têm se construído as questões relacionais que permeiam o processo de ensino- aprendizagem diante do atual cenário mundial, com a realidade da pandemia, especialmente quando se trata do ensino remoto e suas implicações no desenvolvimento geral das crianças.

Mediante a percepção do sujeito como ser biopsicossocial e espiritual, que se constitui por meio de suas vivências e das relações vinculares que estabelece em seu processo de desenvolvimento, as quais favorecem a este uma maior apropriação de si enquanto sujeito, refletiremos sob tais aspectos a fim de perceber como as questões relacionais podem influenciar o processo de aprendizagem e quais os possíveis impactos caso haja interrupção destas de forma direta, nas vivências sociais das crianças.

O papel desempenhado pela afetividade nos processos desenvolvimentais é intenso e convoca a observações óbvias, quando na relação com os pais e professores o estudante é marcado pelo tipo de afeto dinamizado, quando falamos de uma criança isso ganha relevo, pois as relações feitas com este adulto/cuidador é inclusive constituinte de subjetividades, na proporção em que se faz uma apresentação do mundo nessa posição mediadora. Segundo Leite (2006, p. 19) “as relações que eles estabelecem com seus filhos e alunos são marcadamente afetivas e determinarão, em grande parte, a qualidade da relação futura que se estabelecerá entre o jovem e os diversos objetos culturais”. Investe-se no amparo afetivo até mesmo como propiciador do desenvolvimento cognitivo, reforçando a ideia de que a dimensão afetivo-emocional em qualquer modalidade de ensino deve ser preservada.

As construções afetivas e emocionais são essenciais ao desenvolvimento dos indivíduos e se dão nas mais diferentes formas das relações humanas. Os estudos de Piaget, Vigotsky e Wallon, revelam que o afeto é essencial a todo e qualquer tipo de aprendizagem, o que justifica nossa pesquisa enquanto instrumento que busca analisar a posição afetivo emocional das crianças no processo de escolarização e da nova realidade do ensino remoto frente aos novos desafios que lhes tem sido propostos. Em si tratando das emoções Wallon (1995, p. 99) afirma que “a emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro, uma



grande força de contágio”. Sendo o ambiente escolar um meio de intensas vivências emocionais, o que por sua vez foi abruptamente anulado durante o período de enfrentamento da COVID 19, cujas exigências sociais leva-nos ao isolamento e ao distanciamento das relações nesse momento delicado.

Mediante a análise dos dados coletados, cuja finalidade é compreender como as crianças se sentem frente a realidade do ensino remoto, para se analisar como se deu o processo de aceitação da nova metodologia de ensino, a adaptação aos recursos utilizados e a motivação pessoal em desenvolver as atividades e participar das aulas nesse novo formato. No que se refere as questões relacionadas a aceitação alguns alunos avaliam de forma positiva, pois entendem que é uma forma diferente de aprender, inovadora e que em alguns momentos de aulas ao vivo, têm a oportunidade de rever os amigos e professores, já a maioria das respostas surgem como avaliação negativa, pois apontam para questões como as interferências ocasionadas por queda de conexão com a internet, que muitas vezes necessitam reabrir novas salas para o egresso do estudante, dificuldades para tirar dúvidas por conta do excesso de perguntas, o que atrapalha o processo de ensino/aprendizagem.

Outro fator que é percebido de forma nítida na aceitação do ensino remoto está intimamente relacionado às discrepâncias existentes entre ambos os formatos de ensino, quando comparados e aquilo que cada um propicia em termos de aprendizagem: “os alunos se sentem mais conectados, mas ainda não é igual a sala de aula”, tal colocação leva-nos a uma reflexão sobre aspectos que estão para além das vivências puramente pedagógicas, como por exemplo, realizar atividades, tarefas e etc, mas que constituem o ambiente de sala de aula, aspectos estes que são muito mais que uma mera troca de informações, mas que reforçam as necessidades relacionais que se constroem nestes espaços que outrora já foram citadas.

Já o segundo aspecto analisado, que corresponde ao processo de adaptação dos alunos ao novo formato de ensino, os resultados reforçam que a grande maioria sentem dificuldade em algumas das vivências do cotidiano e evidenciam questões relacionadas a falta de contato físico, do auxílio presencial que o professor oferta nas mais diversas atividades que lhes propõe, o que se dá de forma coletiva e individual e especialmente a falta da interação com o grande grupo, onde estes podem desenvolver diversas



habilidades, entre elas a autenticidade e capacidade de socialização do pensamentos e emoções.

Os fatores acima apontados cooperam na constituição da subjetividade de cada um dos indivíduos, pois amparado em Wallon e seus estudos sobre as emoções em sala de aula, Almeida (1999, p. 63) afirma que: “o desenvolvimento psíquico da criança é marcado pelo meio social, pelas relações que se estabelecem entre os indivíduos”. Poderíamos salientar que este desenvolvimento do ser e que necessita das trocas afetivas que se constroem por meio das relações, foram altamente afetadas e tornam-se perceptíveis nos discursos dos alunos quando afirmam que uma das suas maiores faltas nesse período é: “ não ter o aconchego da sala de aula” e “sinto falta dos professores e dos amigos, porque não posso brincar e conversar com eles”.

Por fim o terceiro aspecto analisado que é a motivação pessoal, percebe-se nas mais diversas colocações dos entrevistados que apesar de serem orientados e motivados por seus familiares durante o período designado para vivência das aulas remotas, a maioria não se sente motivado, utilizando as expressões: “é chato ficar só ouvindo a professora falar e a gente não poder falar a resposta pessoalmente”, “não me sinto motivada e às vezes me sinto indisposta”, “não me sinto motivada, pois sinto muita falta do contato físico com todos”, tais relatos, trazem colocações que são de extrema importância e que devem ser lidas, analisadas e consideradas, pois ao externarem seus sentimento e emoções, estão sinalizando para questões interiores que de certa forma lhes incomoda e deixam algumas lacunas.

Faz-se necessário pensar a respeito de alguns fatores que envolvem essas crianças nesse desafio do ensino remoto, dentre eles podemos levar em consideração o ambiente de aprendizagem que lhes tem sido ofertado e como esse processo motivacional tem se construído, percebendo quais expectativas têm sido geradas pelos seus responsáveis nesse processo de acompanhamento e construção da aprendizagem.

Na verdade, em período de pandemia o que vemos, grosso modo, é que tanto escola, quanto família estão mais uma vez cambiantes no que tange ao acompanhamento do ensino aprendizagem dos filhos/estudantes, sobretudo, quando crianças, pois estas se utilizam do recurso corporal para aprender, como afirma Ferreira (2012, p. 87) “a criança faz uso da linguagem corporal muito antes de qualquer outro



tipo de comunicação. Por isso, utilizar-se desta via de aprendizagem – que é o seu corpo em movimento – é favorecer o seu desenvolvimento e motivar o aprendiz”. Trazer uma faixa etária com características tão peculiares como a infância para realidade do ensino remoto, não tem sido nada fácil.

O ensino remoto requer construir novas configurações de espaço/tempo; disponibilidade de alguém que seja morador da mesma casa como suporte nas atividades; manejo nas demandas afetivas apresentadas pela dificuldade de a criança estar isolada, ter partido sua rotina, não estar agrupada com pessoas de fora do ambiente familiar, algo que aparece como natural e saudável para constituição subjetiva do sujeito; além de saber lidar com os recursos tecnológicos necessários ao acontecimento da aula. Portanto, são adaptações na dinâmica e na estrutura do processo de ensino aprendizagem que ultrapassam as organizações de um ambiente acadêmico em casa.

O que chama a atenção é, pensar no ensino remoto como um desafio diante de uma contingência, necessidade surgida repentinamente, ou deparar-se com as fragilidades da educação brasileira, que não estão apenas no ensino público, mas é também, realidade no ensino privado que não oferece as margens de segurança de uma educação de qualidade como é próprio do seu discurso. O que se vê é um sistema segregador e elitista que mais serve para separar as pessoas, nas ditas classes sociais que essencialmente, oferecer a elas as condições de uma boa educação. Ambos os sistemas parecem viver dificuldade muito comuns, talvez a grande diferença está no acesso que os estudantes podem fazer, os recursos de que dispõem para dar continuidade aos estudos a partir da nova modalidade.

4.Considerações finais

O cenário da pandemia pela covid-19 foi um acontecimento sem precedentes para as gerações atuais, em que a adoção de medidas para controle da disseminação do vírus, como o distanciamento social mexeu significativamente com emoções e afetos, trazendo implicações, em maior ou menor grau, para saúde mental de todos. Uma das áreas que passou por imensas alterações foi a educação, tendo que adaptar todo um sistema de ensino copiando algumas ações da modalidade à distância. No momento fez-se necessário um posicionamento rápido para que os estudantes não ficassem sem aula e



sofressem a perda do ano letivo, tendo em vista o caráter incerto no controle do vírus e duração da pandemia.

No entanto, a modalidade de ensino remoto nos fez perceber o quanto a educação no Brasil possui feridas históricas com questões que vão desde uma oferta igualitária até a qualidade do ensino. Ficou evidente que o país tem problemas estruturais a começar pelas desigualdades sociais que levou centenas de estudantes a não terem como acompanhar as aulas pelo ensino remoto, pela falta da internet; assim como, desafios da ordem das metodologias de ensino e constituição dos currículos, identificado em aulas conteudistas e pouco significativas. Sobretudo quando referenciamos os autores que construíram suas teorias em torno da implicação da socialização e relação motora das crianças no processo de desenvolvimento.

Aqui apontamos para como se faz a construção do conhecimento formal em nossas escolas, mas evidenciando o quanto as condições relacionais, motoras e de socialização estão atreladas ao processo de aprendizagem e como, inevitavelmente, a passagem do ensino presencial para o remoto, tem impactado nesse processo. Principalmente, pelas alterações repentinas de todo o contexto e quem estava envolvido nele, professores, pais, estudantes, com mudanças de papéis, em muitos casos vividas de modo intensamente sofrido. Este trabalho não partiu de um entendimento em profundidade da posição afetivo-emocional dos estudantes aqui entrevistados, mas da oferta de um espaço de expressão sobre uma mudança em que eles foram também protagonistas, já que para muitas dessas mudanças eles não foram consultados, ou seja, os estudantes tiveram que fazer o acolhimento de uma modalidade de ensino que de um certo modo massificou o processo de ensino e aprendizagem.

Esta foi uma breve discussão sobre o sentido do ambiente escolar para muitos estudantes. Lugar em que é possível, a partir do contato com os vários outros, construir laços afetivos, ter um suporte emocional em muitas questões, sobretudo, aqueles estudantes que sofrem algum tipo de violência em casa, e que veem na escola um espaço de acolhimento, na figura do professor e ou dos colegas, estudantes que ainda têm o reforço da alimentação feito na escola ou nela fazem a única refeição, a referência de um lugar com menor violência e onde suas produções podem ser aceitas. A realidade da pandemia ocasionada pelo coronavírus certamente representou uma intensa mudança



no nosso cotidiano, assim como, deixará suas marcas para o futuro. Na educação percebemos uma das mais fortes alterações na rotina de muitos e aqui fica um olhar voltado para essa realidade, sobretudo das crianças e o sentido que construíram acerca das emoções vividas nesse momento.

5.Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.

BOLWBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. São Paulo: Vozes, 2014.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diário Oficial da União. Edição 53. Seção 1.2020. [https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376/](https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376) Acesso em 09 de Julho de 2020.

DEMO, Pedro. **O mais importante da educação importante**. São Paulo: Atlas, 2012.

FERREIRA, Fátima A. **Pedagogia da Escuta e do Movimento: o corpo, o movimento e a prática pedagógica na educação infantil**. In. Sustentar a práxis: a educação infantil como obra de arte. Orgs. Francisca Paula Toledo Monteiro e Roberta Rocha Borges. pp.85-89. São Paulo: Forma Escrita Projeto Editorial, 2012.

LEITE, Sérgio A. da Silva. **Afetividade e Práticas pedagógicas**. In. Afetividade e Práticas Pedagógicas. Org. Sérgio A. da Silva Leite. pp.15-45. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

PAVON, Teodosia. **Nossa visão atual da infância: as ideias que sustentam a nossa prática cotidiana**. In. Sustentar a práxis: a educação infantil como obra de arte. Orgs. Francisca Paula Toledo Monteiro e Roberta Rocha Borges. pp.35-40. São Paulo: Forma Escrita Projeto Editorial, 2012.

PILLETI, Nelson & ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Modelo Piagetiano**. In. Psicologia do Desenvolvimento. Orgs. Clara Regina Rappaport, Wagner da Rocha Fiori e Cláudia Davis. VI. 1, pp. 51-75. São Paulo: EPU, 1981.

SANTOS, Geny Alexandre dos & SANCHES, Isabel Rodrigues. **A inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais**. Recife: Libertas, 2015.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

VIGOTSKY, Lev Semynovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.



Apêndice 1

ENTREVISTA COM CRIANÇAS

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Série : _____ Cidade: _____

Escola que estuda: _____

- Você gostou desse novo jeito de assistir aula?

() SIM () NÃO. Justifique

- Qual o melhor momento da aula no ensino pelo computador?

- Tem algum momento da aula que você acha ruim no ensino remoto?

- Você sente vontade de assistir aulas nessa nova modalidade todos os dias?

() SIM () NÃO. Justifique sua resposta.

- Descreva do que você sente mais falta nesse novo formato de estudo?

- Você enfrentou ou enfrenta algum tipo de dificuldade para se adaptar as aulas remotas? Se sim quais foram estas?

- Seus familiares motivam e incentivam você a participar das aulas remotas?

() SIM () NÃO

- Você se sente motivado, tendo que assistir aulas nesse formato todos os dias?

Justifique sua
resposta. _____

- De 0 a 10, que nota você daria a essa nova forma de ensino/aprendizagem?

Justifique sua resposta.

Local e data



Apêndice 2.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a)

Este projeto de intervenção, cujo título é: Pandemia e o ensino remoto: uma reflexão acerca da vivência afetivo-emocional dos estudantes, está sendo desenvolvido por Marilane de Melo Silva Mendonça – Psicanalista Clínica Nº **2013381080**, estudante de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – Caruaru- PE, sob orientação da professora e psicóloga **crp 02/15.299**- Geny Alexandre dos Santos. O objetivo deste estudo é evidenciar qual a posição afetiva/ emocional das crianças matriculadas em escolas particulares em faixa etária entre 09 e 11 anos, diante na nova realidade educacional do ensino remoto. Este projeto tem como finalidade analisar as questões afetivas/emocionais das crianças frente o desafio da vivência de aulas remotas.

Solicitamos a sua colaboração na concessão de participação de seu(a) filho(a) menor na realização de uma entrevista de pesquisa contendo 9 (nove) questões, as quais serão conduzidas por mim (pesquisadora) por meio de chamada de vídeo via WhatsApp, que terá em média uma duração prevista de aproximadamente 40 minutos, assim como, a autorização para que seu resultado conste em trabalho acadêmico (projeto de intervenção), além de possíveis apresentações em eventos científicos e publicações. Observamos que esta pesquisa não traz qualquer tipo de risco ou desconforto ao participante, lembrando ainda, que os nomes dos participantes serão mantidos em total sigilo, cuja identificação será feita através de nomes fictícios. Esclarecemos que sua participação é voluntária, desse modo, não é obrigatória a prestação de quaisquer informações ao estudo, sendo livre a desistência a qualquer tempo desta investigação, sem perdas e danos. Os pesquisadores prestarão todo esclarecimento que assim considere necessário nas diversas etapas da pesquisa. Lembramos ainda, que não será feito qualquer tipo de intervenção específica ao fazer do profissional psicólogo, tendo em vista que somos estudantes.

MARILANE DE MELO SILVA MENDONÇA
Estudante Mat. 01323874

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do projeto proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes do estudo, declaro o meu consentimento em participar da projeto, assim como, que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Estou ciente que receberei desse documento.

Participante da pesquisa

Responsável legal pela autorização de participação na pesquisa
Grau de Parentesco _____
Caruaru, _____ de _____ de 2020.

Caso necessite de maiores informações sobre este estudo, favor ligar para a pesquisadora no número (81)99406-3308 ou contatar no email lane_mendonca@hotmail.com



Recebido:21/9/2020. Aceito:8/12/2020.

Autoras:

Geny Santos

Psicóloga clínica, Terapeuta de Casal e Família pelo Instituto Libertas. Mestre em Ciências da Educação com ênfase em Educação Inclusiva. Doutora em Educação pela ULHT/Lisboa. Professora no curso de Psicologia da Faculdade Uninassau, Caruaru/PE.
E-mail: genypsi@hotmail.com

Marilane Mendonça

Pedagoga –UPE, Psicopedagoga – FASC, Psicanalista Clínica –IEPPE, Especialista em Psicanálise aplicada a Educação e Saúde – UNIDERC, Graduanda em Psicologia – UNINASSAU.
E-mail: lane_mendonca@hotmail.com